

Sem assistência, mãe dá à luz na calçada de hospital

Bebê teve parada cardiorrespiratória e passa mal

FÁTIMA XAVIER

A DONA de casa Maria do Socorro de Oliveira, 29 anos, não esperava por isso. Na verdade, nem pretendia ter mais filhos depois de três gestações que lhe deram inclusive um casal de gêmeos. O quinto filho de Socorro, imprevisivelmente, nasceu na calçada entre as portarias do Pronto-Socorro (PS) e a Emergência da Obstetria do Hospital Regional de Ceilândia (HRC). O bebê, prematuro de 32 semanas (oito meses), teve uma parada cardiorrespiratória que poderia ter sido evitada se nascesse numa sala de parto, segundo o pediatra Eduardo Leal, da Unidade de Terapia Intensiva Infantil do Hospital Regional de Taguatinga (HRT) para onde o bebê foi encaminhado. Seu estado é muito grave. A família mora na Ceilândia Sul.

Socorro começou a sentir contrações no início da manhã e pediu ao marido para acompanhá-la ao HRC. O casal ainda passou no Banco de Brasília (BRB) para pegar o dinheiro da bolsa-escola dos filhos e se dirigiu para o hospital numa kombi-lotação, segundo informou a Assessoria de Imprensa do HRC. O carro parou na porta do PS e foi embora. Os funcionários do HRC, apesar da dona de casa reclamar de dores, mandou Socorro dirigir-se à pé até a Emergência de Obstetria, a cerca de 50 metros.

O diretor do HRC, Paulo Polcheira, nega que tenha havido omissão no atendimento. Segundo o médico, nem o marido de Socorro sabia que ela estava grávida. Por ser obesa, teria conseguido disfarçar a barriga. "A paciente não menstruava desde o nascimento do quarto filho, há um ano e três meses. Somente no início do mês é que procurou o ambulatório e soube da gravidez,

mas, hoje, não disse ao funcionário que estava grávida", informou o médico, confirmando que Socorro conhecia o hospital. "A lotação a deixou na primeira portaria e o serviço de informação fez o que deveria: mandou que se dirigisse à Obstetria", defendeu-se.

O bebê ainda não tem nome, mas luta pela vida com obstinação. Até o final da tarde de ontem, todos os problemas do recém-nascido eram decorrentes do parto prematuro que apresenta mais riscos com 32 semanas de gestação do que com sete meses. "É uma crença popular que tem fundamento", disse a pediatra intensivista, Ana Amélia Moreira, que recebeu o neném, em Taguatinga.

A UTI infantil nada tem a dever às terapias intensivas dos hospitais particulares. O filho de Socorro chegou lá entubado porque teve uma parada respiratória por 10 minutos em reanimação, ainda em Ceilândia. Os médicos não podem garantir se houve ou não sequelas neurológicas.

Segundo o diretor do HRT, o bebê está tomando um medicamento de última geração, o Surfactante, que vai acelerar o amadurecimento dos órgãos, descolando os alvéolos. Ele está sob fototerapia já que o fígado também não está formado para evitar icterícia.

A médica receitou-lhe antibiótico para evitar e/ou tratar uma possível infecção que pode ser provocada como efeito colateral do próprio Surfactante; por estar no respiradouro; e até mesmo por ter nascido num parto não-hospitalar, sem assepsia. As próximas 72 horas serão decisivas para a criança que já chegou a Taguatinga com o umbigo cauterizado e, apesar de tudo, movimentando bracinhos e pernas com desenvoltura.